

Modernidade desiludida: tempos, raça e memória, questões a partir de “Recordações do Escrivão Isaías Caminha” (1909), de Lima Barreto

Disappointments in Modernity: times, race and memory, questions about Lima Barreto's "Recordações do Escrivão Isaías Caminha" (1909)

Juliano Lima Schualtz

Mestrando em História

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

juschualtz@gmail.com

Recebido: 22/06/2023

Aprovado: 19/11/2023

Resumo: Em 2022 se comemorou o centenário de morte do escritor carioca Lima Barreto (1881 – 1922), da Semana de Arte Moderna (1922) e do Bicentenário da Independência do Brasil (1822), constituindo três momentos-chave para a história e memória literária, cultural e política do país. Muitas páginas e canetas foram gastas em trabalhos diversos sobre a obra de Lima Barreto. No entanto, o presente artigo busca levantar e elaborar questões relativas à experiência do tempo do negro na modernidade brasileira, tendo como eixo o romance inicial do autor, isto é, o “Recordações do Escrivão Isaías Caminha” (1909). Para refletir sobre a experiência do tempo, proponho pensar em formas de temporalização do tempo (HARTOG, 2019) e formas de temporalização da raça (um conceito que está em desenvolvimento), analisando a Primeira República e, tomando de empréstimo, aspectos da trajetória do escritor. Por fim, busca-se pensar a relação entre tempos, raça, memória e modernidade através do diálogo entre historiografia e literatura.

Palavras-chave: Tempo; Modernidade; Memória.

Abstract: In 2022, the centenary of the death of the Carioca writer Lima Barreto (1881 – 1922), the Semana de Arte Moderna (1922) and the Bicentennial of the Independence of Brazil (1822) were celebrated, constituting three key moments for the history and literary, cultural and political memory of the country. Several pages and pens were spent on various pieces of Lima Barreto's work. However, this article seeks to raise and elaborate questions related to the experience of black people in Brazilian modernity. Having as its axis the author's initial novel, that is, *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909). To reflect on the experience of time, I propose thinking about ways of temporalizing time (HARTOG, 2019) and ways of temporalizing race (a concept that is under development) analyzing the First Republic and borrowing aspects of the writer's trajectory. Finally, we seek to think

about the relationship between times, race, memory and modernity through the dialogue between historiography and literature.

Keywords: Time; Modernity; Memory.

Nas brechas da República

Lima Barreto viveu na intermitência temporal. Passou os primeiros anos da infância no Brasil Imperial; a adolescência, mocidade e vida adulta foram vividas no Brasil pós-abolicionista e republicano. Presenciou os inícios do processo de modernização do país; suas disputas, silenciamentos e esquecimentos. Questões asseveradas em virtude da condição histórica e biográfica do escritor — negro, alcoólatra, interno, carioca e anarquista. Residiu na cidade, palco da modernização, Rio de Janeiro, testemunhando no papel de transeunte/*flâneur* a inclinação “bovarista”,¹ na expressão do autor, que o Estado-nação em formação buscava ao espelhar a Europa, especificamente a França, amparando o sistema de referências de forma exógena: sistematizando-o de fora para dentro na sustentação da dimensão cosmopolita da cidade moderna (PESAVENTO, 1997). E assim, suprimindo o outro Brasil; colonial, desigual, violento e com o passado fresco da escravidão. O Brasil que encontraria e ocuparia espaço em sua vivência e trabalho literário, ofício nomeado pelo escritor de “literatura militante” (BARRETO, 2017).

Entre a infância e adolescência de Lima Barreto dois momentos foram marcantes, tanto a Abolição em 13 de maio de 1888, evento que Lima Barreto assistiu quando criança ao lado do seu pai, rememorando e registrando em textos posteriores, quanto a República proclamada em 14 de novembro de 1889. No segundo evento, o novo sistema político precisava de oficialização, construção de memória e comemoração para concretizar o evento frágil no imaginário popular e na vida cívica. Foi preciso forjar a “formação das almas”, a vida simbólica do regime republicano (CARVALHO, 2017), mirando a invenção de outra tradição de passado (HOBSBAWM; RANGER, 1984) distante das referências monárquicas e coloniais, alavancando caminhos em direção à

¹ Para Lima Barreto, com certa apreensão da psicologia da nação, o termo bovarismo, elaborado pelo filósofo francês Jules Gaultier, no seu estudo em torno dos personagens do romance “Madame Bovary” (1856), de Gustave Flaubert, é lido pelo literato carioca como uma forma de desidentificação e melancolia com a realidade nacional corroborando com a angústia da importação compulsiva de referências de fora.

identidade nacional: em busca dos anseios populares, mas sem a presença do povo (CARVALHO, 2019).

Nesse texto, o investimento principal está nos conceitos de tempo e de raça. Defende-se que o arranjo temporal da República operava no campo do regime de historicidade futurista (HARTOG, 2019), o hino nacional da época serve de exemplo que imprime e expressa essa forma de temporalização da vida nacional: “Nós nem cremos que escravos outrora tenha havido em tão nobre País... Acha irmãos, não tiranos hostis. Nosso augusto estandarte que puro, Brilha, ovante, da Pátria no altar!”²

No início do período republicano, os conceitos de ordem e progresso delinearão os novos tempos, de ordenamento em nome do progresso, organizando e articulando o tempo rumo ao futuro. Consequentemente, a filosofia positivista teria como pressuposto o progressivismo, isto é, seus olhos tinham como alvo o futuro. Dessa forma, podemos compreender que o futuro, para ela, foi uma categoria temporal mediadora e norteadora ao mesmo tempo. As ciências da natureza, nesse sentido, ocupavam um papel fundamental, pois se tornavam o alicerce do que se fundamentava como pensamento histórico positivista. O positivismo constituiu uma importante conjunção entre tempo e raça no ideário republicano. Conjunção que atravessou o processo de modernização e influenciou a obra de Lima Barreto. Em paralelo, a projeção do futuro na mentalidade republicana via no passado colonial escravocrata um elemento a ser esquecido, para desocupar o ponto de referência do país. E vários dos investimentos para o branqueamento populacional já estavam sendo efetuados pelas elites dirigentes do Antigo Império, é o caso da imigração sob a iniciativa do colonato.

O espaço semântico que foi ganhando corpo com a aceleração do progresso (ARAUJO, 2008; TURIN, 2022) lapidou conceitos como “cidadania”, “igualdade”, “fraternidade”, “liberdade”, “soberania”, “ordem” e “progresso”, alguns se constituindo desde a Independência arraigados com o tempo singular do nacionalismo circunscrito no Estado-nação. A Abolição e a Proclamação colocaram em campo duas perspectivas de liberdade: a primeira dos negros e a segunda dos brancos (GUIMARÃES, 2021). Os anseios da Abolição, por parte da República, foram inibidos por conta da singularidade do tempo republicano que não visou sincronizar os corpos negros, indígenas e suas

² Hino da República do Brasil, letra: Medeiros e Albuquerque (1867 – 1934). Música: Leopoldo Miguez (1850 – 1902). Publicada no Diário Oficial de 21 de janeiro de 1890.

formas de experienciar o tempo e de construir visões da liberdade (CHALHOUB, 1990), debandado-as para fora do tempo do progresso. Mas estar “fora do tempo”, “destemporalizado” ou “dessincronizado”, em particular no campo literário, é sempre a oportunidade de tensionar o tempo e a nação, e no caso de Lima Barreto, a raça.

É vasta a bibliografia que analisa a raça como fabricação e ficção da modernidade e sua função nos Estados-nação, com fins de síntese, as ideias de Achille Mbembe (2018) e Paul Gilroy (2007) são pontuais. Raça enquanto forma de hierarquização e classificação; meio de diferenciação e semelhança; discurso e regime, ou seja, a raça é construída, pensada e atualizada por diferentes partícipes do próprio pensamento racializado (GILROY, 2007). Em vista disso, parte dos dilemas envolvendo a categoria de raça na modernidade podem ganhar provimento analítico se pensados na chave do regime de historicidade futurista, do *como* a raça passou a compor os projetos de futuro e ordenamento das temporalidades dos Estados-nação a partir dos séculos XIX e XX. Na outra ponta, a raça está na constituição das dinâmicas da temporalização do tempo, ou seja, na historicidade do regime moderno do tempo, nos meios de lidar e de construir o tempo. Reforço: aqui não basta pensar somente na temporalização do tempo *stricto sensu*, mas nas formas de temporalização da raça.

As atribuições e sentidos da raça na Primeira República, como foi corrente nos séculos XIX e XX, passaram pelo crivo da institucionalização, tornando-se campo de saber e de investimento científico, fomentando a eugenia e teorias raciais do período (SCHWARCZ, 1993). Raça e ciência estavam em estrita junta com o planejamento das etapas do futuro dos Estados-nação. Para a modernização no Brasil, em fins do século XIX e começo do século XX, o negro estava na esfera do “problema” a ser resolvido; no plano econômico, político, social e cultural, operando um jogo decalcado em negatividades dialéticas; o negro fazia parte da modernidade, mesmo essa modernidade negando-o constantemente. E as formas de negação traduziram-se em escolhas de representação do passado e mediações temporais. Para direcionar essas escolhas, as práticas de apagamento e silenciamento estavam no imaginário republicano constitucional numa perspectiva futurista/processual do tempo e da raça. Em suma, mesmo que provisoriamente, *projetar a nação passava também por organizar o tempo e controlar discursivamente a raça*.

Pós-abolição e modernidade: Lima Barreto entre o limite e a dobra

É preciso compreender a agência-narrativa e ativista-negra na literatura como missão (SEVCENKO, 2003) de Lima Barreto, no interior de uma conjuntura ampliada do pós-abolição como problema histórico (RIOS; MATTOS, 2004). O pós-abolição rearranjou diretrizes do tempo, passando do “desprendimento” do tempo do cativo e da senzala, em outros termos, de uma “monocultura do tempo” para um tempo de lutas por cidadania, liberdade — desde o final do século XIX (PINTO, 2018) — e modos de disputar e construir modernidade. Lima Barreto, enquanto “produto” (e produtor) do pós-abolição, presenciou e engendrou o protagonismo negro (CUTI, 2011; DOMINGUES, 2011) potencializado nesse contexto, que usou de todos os meios para excluir as pessoas negras das gramáticas e das semânticas de reconhecimento. Não é novidade escrever que o projeto literário de Lima Barreto pode ser lido à luz das dinâmicas do pós-abolição, operando na incompletude de um período de transição orquestrado entre o fim do Império e o início da República (REZENDE DE CARVALHO, 2017), inclusive num tempo — o da pós-abolição — ainda indeterminado e não realizado, de manifestação e intervenção.

Evocar o termo “pós-abolição” consiste em assinalar a centralidade negra e protagonismo negro na construção da modernidade e da formação brasileira. Nesse panorama, a obra barretiana irrompe como paradigma e margem das contradições da modernidade e do modernismo, no plano político e no plano estético. Parte da historiografia e dos estudos literários sobre a literatura de Lima Barreto possuem um campo vasto de pesquisas e preocupações. Gostaria de explanar algumas das temáticas desses estudos que têm vínculos com questões alçadas no texto. É sabido entre estudiosos/as da literatura barretiana que o escritor carioca ficou carimbado no peso do sufixo, colocado no pré-modernismo, cronologia (despida de reflexão temporal) popularizada por Alfredo Bosi na sua “História Concisa da Literatura Brasileira”, de 1982.

Segundo Irenísia Torres de Oliveira (2008), duas teses foram fundamentais para criar ferramentas analíticas referentes à obra do escritor, quais sejam: “Lima Barreto: o crítico e a crise”, de Antonio Arnoni Prado e “Lima Barreto e o espaço romanesco”, de Osman Lins, ambas publicadas no formato de livro em 1976. Mas foi com dois trabalhos dos anos de 1990 e 2000 que a inflexão da modernidade e do modernismo apareceram com maior densidade: o trabalho de Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo, no livro “Trincheiras de sonho: ficção e cultura em Lima Barreto”

(1998), e de Maria Cristina Teixeira Machado, no livro “Lima Barreto: um pensador social na Primeira República” (2002). Para Figueiredo, a preocupação estava em firmar Lima Barreto como um autor do século XX, crítico do nacionalismo da época, sequestrado por visões pitorescas de projetos de brasilidade, demonstrando um escritor inclinado para as preocupações sociais do Brasil e que inovou esteticamente o romance. Já em Machado, utilizando-se dos estudos de Walter Benjamin sobre Charles Baudelaire, abordou com maior ênfase o romance “Vida e Morte de M.J Gonzaga de Sá” (1919), aprofundando as relações entre o *flâneur* e a cidade em mutação, entre a modernidade republicana e o realismo barretiano.

Recentemente, de acordo com Vinícius da Cunha Bisterço (2018), falar em modernidade em Lima Barreto, principalmente a figuração do processo em suas crônicas, é falar, através do termo de Beatriz Sarlo (2010), em modernidade periférica. Bisterço, comparando crônicas de Roberto Arlt e Lima Barreto, analisou como os textos fazem parte da tradição moderna e capturaram as dinâmicas da modernização em contextos distintos de urbanidade na qual os autores estavam inseridos. Nessa esteira, nas crônicas dos literatos aparecem resquícios do passado colonial sendo contrapostos com tentativas de “superação” através da modernização importada dos centros europeus para a América Latina. E no caso barretiano, a modernidade carioca dissolveu-se em expectativas desiludidas, legislada pelo anacronismo, isto é, o passado colonial não foi “superado”, mas assumiu novas formas com o processo republicano.

Nesse horizonte de revisões da modernidade, o termo “modernidade negra”, debitado de Paul Gilroy, tem decalcado linhas de força interpretativas das expressões estéticas negras em solo brasileiro. Embora Antônio Alfredo Guimarães não analise Lima Barreto em sua obra “Modernidades negras: a formação racial brasileira (1930 – 1970)”, alguns elementos lançados no trabalho são importantes para repensar o contexto, ao menos no plano estético-político, proposto no livro. A ideia de modernidade negra está em relação com a noção de contracultura da modernidade, isto significa, as formas de autoexpressão estética dos negros investida em objetos artísticos, sejam romances, músicas ou danças, munidos de perspectivas críticas sobre a modernidade. Essa modernidade negra tem influência do pós-abolição no imaginário da literatura negro-brasileira (CUTI; 2010). Ademais, o modernismo negro em Lima Barreto tem sido usado em contraposição ao

corde cronológico e de cátedra do Modernismo de 1922, a formação discursiva principal da literatura brasileira (SILVA; 2018), formação que também é uma ideologia modernista (FISCHER; 2022).

Lília Schwarcz na biografia “Lima Barreto — Triste visionário” (2017), usou a expressão “termômetro”, referindo-se à relação de Lima Barreto com a República, mas essa expressão pode ser manejada pensando o autor de “Todos os Santos” e seus liames com a modernidade e o modernismo. No começo desta seção, usou-se palavras como “paradigma” e “margem” figurando Lima Barreto como evento em potência para repensar tanto os limites como as dobras da modernidade e do modernismo. Dessa forma, Lima Barreto também assume estatuto de termômetro no tocante ao dueto modernidade e modernismo, tanto na clausura quanto na desmesura. Por fim, para posicionar melhor os empenhos analíticos escolhidos no texto, farei um cruzamento entre François Hartog e Paul Gilroy, aprofundando a reflexão no plano literário de questões já urdidas nas páginas anteriores, como literatura, modernidade, tempo e raça.

Literatura, tempo e raça

Para François Hartog no livro “Crer em História” (2017), o tempo na literatura e na história a partir do século XIX, comportaram sentidos distintos, observando que “a literatura concentrar-se-á de preferência nas fissuras do moderno regime, em captar seus fracassos, apreender a heterogeneidade das temporalidades em curso” (HARTOG, 2017, p. 128). E assim, a literatura está em desacordo com o tempo processual e homogêneo da História-disciplina, dado que a literatura trabalha com as gretas do moderno regime de historicidade em nome da heterogeneidade temporal. Os outros tempos dissonantes escritos na literatura moderna permeiam e perfuram o tempo do progresso e da civilização, textualizando suas “fissuras”, “brechas” e “fracassos”, alguns dos termos usados por Hartog. Essa forma de escrita do tempo expressa na literatura é de grande valia para pensar o Lima Barreto. A literatura barretiana investigou os fracassos da modernização republicana e seus fantasmas (reinscrevendo-os na cena do texto) protagonizando as brechas.³

³ Nesse quesito, outros autores são de primeira importância para o contexto e questões levantadas, ao lado de Lima Barreto (1881 – 1922), pode-se mencionar Euclides da Cunha (1866 – 1909), o qual trouxe o sertão e o sertanejo para interpelar o tempo sincrônico da República. Monteiro Lobato (1882 – 1948) com a figura do caipira, mesmo pendendo para a caricatura, o tempo do campo e o tempo da cidade estão presentes nos contos e crônicas envolvendo o personagem Jeca Tatu. Por fim, as crônicas de João do Rio (1881 – 1921) capturaram as contradições da modernização e da experiência moderna compartilhadas por personagens diversos em diferentes localidades urbanas.

Por outro lado, Paul Gilroy no livro “O Atlântico negro” (2012) analisou escritores afro-americanos atentando para o tópico autobiográfico que, em suas palavras; “expressam o poder de uma tradição de escrita em que a autobiografia se torna um ato ou processo de simultânea autocriação e auto-emancipação” (GILROY, 2012, p. 51) e, em certos casos, buscaram “superar a raça” (GILROY, 2012). Gilroy refere-se à W.E.B. Du Bois, Frederick Douglas e Richard Wright, no entanto, às questões levantadas para refletir acerca de literaturas de autorias negras em outros contextos. Analogamente a esses escritores, a obra barretiana conjura o aspecto autobiográfico, memórias de sofrimento racial, nexos conflituosos com o Estado-nação e a crítica à modernidade. Alguns escritores estudados por Paul Gilroy utilizaram a memória da experiência escrava para produzirem reinterpretações da modernidade. Em Lima Barreto, serão as memórias do pós-abolição e pós-escravidão que vão ser mobilizadas na sua agência político literária. Todavia, como memória e tempo são paralelos, a experiência negra na modernidade promoveu tempos codificados e descodificados na ideia e na condição da diáspora, compondo outras relações com o tempo, com a raça e com a nação.

Gilroy buscou no conceito de dupla consciência de W.E.B. Du Bois, a tonalidade para a sua história intelectual negra. Segundo Gilroy, “esforçar-se por ser ao mesmo tempo europeu e negro requer algumas formas específicas de dupla consciência” (GILROY, 2012, p. 33). Foram intelectuais que viveram sob o signo do cindido e do fraturado; entre o ser europeu/americano e ser negro — no caso de Lima Barreto, coloca-se o ser negro e o ser brasileiro no contexto do pós-abolição. A dupla consciência implica essa condição existencial/dualista dos negros na modernidade: a condição negra e a condição moderna. O jogo pertencimento/não-pertencimento com a ordem moderna está na dupla consciência, entre ser de determinada modernidade, mas não pertencer exatamente a ela. Como viver num mundo em que se é olhado e construído pelo outro? Como os intelectuais negros experienciaram a modernidade maquinada na lógica futurista e processual do tempo e da raça cifrada nos Estados-nação, conjugando a metafísica racial e o absolutismo étnico?

Com o auxílio de Gilroy é possível pensar em formas de tensionamento da raça na discursividade literária negra e seus modos de autorrepresentação poética e tentativas de superação práticas, imaginárias e narrativas. Esses modos carregam as continuidades do passado colonial, do sofrimento racial e do luto atuante na memória negra. E também do tempo melancólico e da revolta

contra a modernidade; “localizando”, “apreendendo”, “desdobrando” e, por que não, no caso literário: “desestabilizando” os seus limites, intervindo no tempo. Para tal, os usos da memória da escravidão, da *plantation* e das trajetórias negras em contextos de pós-abolição, na escritura historiadora de Gilroy, operam a feitura de produtos culturais. Logo, é por meio desse conjunto de problemas prismados na conjuntura apresentada que penso o romance “Recordações do escrivo Isaiás Caminha” (1909), de Lima Barreto.

“Recordações” foi o livro inaugural da trajetória literária de Lima Barreto. No romance, acompanhamos o jovem Isaiás Caminha, moço provinciano e negro com desejos para construir a sua vida através dos estudos e gestando planos para estudar na capital federal da época, Rio de Janeiro, no início da Primeira República. O romance é narrado mediante recordações rememoradas dez anos após os eventos ocorridos, no momento em que o personagem Isaiás ocupa o cargo de Deputado Federal. No preâmbulo intitulado “Breve Notícia”, o próprio Lima Barreto assina-o entrando como personagem e ficcionalizando o processo editorial do livro, movendo-se na zona ambígua e movediça do romance, simulando um discurso autobiográfico (NEGREIROS, 2017). No romance são amarradas a infância, a adolescência e a mocidade, contemplando a saída do personagem do campo para a cidade, o fim da ilusão da carreira intelectual, o trabalho no jornal “O Globo” e a carreira política.⁴

Figuras em deslocamento: memória e temporalidade

Em “A Imagem de Proust” (1994), Walter Benjamin escreveu: “o importante para o autor que rememora, não é o que ele viveu, mas o tecido de sua rememoração, o trabalho de Penélope da reminiscência” (BENJAMIN, 1985, p. 1987). Rememoração e reminiscência são elementos constitutivos na leitura benjaminiana do conceito proustiano de “memória involuntária”. Forma de memória que está no espontâneo, nas imagens quebradiças e opacas, nos sentimentos e emoções, operando no tempo polifônico. Mas o “passado traz consigo um índice misterioso” (BENJAMIN, 1985, p. 223), sendo disforme, temporalmente disruptivo e confuso. Isto posto, a memória

⁴ O nome faz alusão ao jornal “O Correio da Manhã”, um dos mais importantes jornais da Primeira República.

involuntária demanda uma “vontade de narrar” ancorada no presente, na temporalidade *kairológica*, isto é, que parte do agora — do presente de quem exerce o ofício rememorativo e narrativo.

No romance “Recordações”, o fio condutor que leva o personagem-narrador Isaías a escrever o livro está em uma notícia impressa num jornal corriqueiro do começo do século XX, realiza-se no espontâneo, no presente do personagem, em suas palavras; “nela um dos seus colaboradores fazia multiplicadas considerações desfavoráveis à natureza da inteligência das pessoas do meu nascimento” (BARRETO, 2010, p. 63), essas pessoas de nascimento semelhante a do personagem são os negros e os mulatos. Logo, a notícia de conteúdo racista seria passível de compor parte de algum periódico científico nas páginas jornalísticas, uma vez que existiam vários na época e propagavam os males do negro e da mestiçagem para a civilização, são aspectos e espectros da recepção das teses eugenistas no ideário positivista. Após lê-la, Isaías fica inconformado e entra em estado meditativo: “vieram-me recordações de minha vida, de toda ela, do meu nascimento, infância, puerícia e mocidade” (BARRETO, 2010, p. 63).

O ponto de combustão para o ato de rememorar é a notícia. Esse processo retrospectivo da memória involuntária em torno da trajetória do personagem tem em vista demonstrar para a sociedade a falsidade das constatações:

resolvi narrar trechos de minha vida, sem reservas nem perífrases, para de algum modo mostrar ao tal autor do artigo, que, sendo verdadeiras as suas observações, a sentença geral que tirava, não estava em nós, na nossa carne e nosso sangue, mas fora de nós, na sociedade que nos cercava, as causas de tão feios fins de tão belos começos (BARRETO, 2010, p. 64).

Isaías aspira responder às notícias de cunho racial e do negro visto como “problema” na sociedade, o qual estaria instalado — para além das carnes e do sangue — no próprio campo social. Na passagem há o uso do termo “nós”, fazendo com que a dimensão individual se direcione para a coletiva. O ato de tentar narrar a própria vida, manifestando as dificuldades que encontrou vivendo na capital, como jovem e negro, assinala o futuro-passado perdido do personagem. Estando ausente dos direitos e acompanhando o ruminar da busca pela carreira intelectual, o personagem não ocupa uma função intelectual (a qual planejava) e, sim, burocrática (a qual criticava). As suas “ilusões perdidas” são rememoradas e narradas através das recordações, e essa tentativa de escrever a própria vida tem uma preocupação com outros sujeitos de condição semelhante à do personagem. No limite do empenho do personagem, o que ele sinaliza é que existem outros passados que foram silenciados,

futuros sonogados e presentes interditados vinculados às vidas das pessoas negras no processo de modernização brasileira.

Por isso, o termo “recordação” presente no título e sedimentado no romance merece atenção. No esboço da sua fenomenologia da memória, quando Paul Ricoeur (2018) reflete sobre a recordação, o filósofo levanta dois traços da recordação que são o esforço na busca de algo e a luta contra o esquecimento de algo. Para Aleida Assmann, a recordação atua na memória instigando a sua potência crítica e reconstrutiva,

A recordação procede basicamente de forma reconstrutiva: sempre começa do presente e avança inevitavelmente para um deslocamento, uma deformação, uma distorção, uma reavaliação e uma renovação do que foi lembrado até o momento da sua recuperação. Assim, nesse intervalo de latência, a lembrança não está guardada em um repositório seguro, e sim sujeita a um processo de transformação (ASSMANN, 2011, p. 34).

Ricoeur, Assmann e Benjamin têm contribuições para uma abordagem sofisticada do conceito de recordação. Quando Isaías narra reconstrutivamente, partindo do presente, trechos da sua vida através das recordações, manejando-as e usando-as também para dizer sobre a condição das vidas negras no interior da modernização brasileira, o seu esforço se situa contra a memória oficial e o racismo moderno, responsável por silenciar o passado colonial e centralizar a vontade branca de futuro que precisava deixar os negros para trás. Nesse ponto, a literatura de Lima está em oposição à temporalização da ordem moderna do tempo, trabalhando com a descontinuidade temporal, mas levantando as continuidades e permanências que a ordem moderna do tempo revogava.

A “vontade de narrar” baseada na temporalidade *kairológica* da memória involuntária, na prática rememorativa e também nas ideias de W.E.B. Du Bois e Paul Gilroy debitadas das narrativas negras que respondem criticamente à modernidade, apresenta uma das formas possíveis para abordar o livro de Lima Barreto. No livro, a narrativa deflagra constantemente a dialética do futuro-passado e passado-presente, negando os grilhões da retroatividade. O personagem-narrador no delongar do romance corta frequentemente o fluxo cronológico da narrativa, suspendendo o encadeamento linear do enredo e explodindo a sequencialidade. E tanto a memória involuntária quanto a escrita literária não operam na cronologia, mas na simultaneidade temporal (“heterocronia”). Esses momentos de retorno e suspensão do segmento narrativo fazem alusão a episódios de sofrimento racial e emoções

negativas: “escrevendo estas linhas, com que saudades me não recordo desse heróico anseio dos meus dezoito anos esmagados e pisados! Hoje... É noite” (BARRETO, 2010, p. 122).

Além disso, outra dimensão que as “Recordações” trazem está na reflexão do personagem-narrador sobre a escrita. Tem-se três momentos: o que levou a escrita (a notícia), sua função (conscientizar a sociedade do problema racial enquanto constitutivo da mesma) e a reflexão sobre o processo escriturário. O último elemento é oblíquo, o lugar da escrita no livro de Lima Barreto não é assinado na rubrica do romancista, cronista ou poeta, mas na pena do escrivão, ofício fora das “habilidades literárias”, trabalho próprio do processo técnico da modernização.⁵ Ainda no preâmbulo, diz Isaías: “perdoem-me os leitores a pobreza da minha narração” (BARRETO, 2010, p. 62). O personagem deposita esperança naquilo que escreve, mas coloca a narração sob desconfiança constante. Noutra passagem,

De forma que não tenho por onde aferir se as minhas Recordações preenchem o fim a que as destino; se a minha inabilidade literária está prejudicando completamente o seu pensamento. Que tortura! E não é só isso: envergonho-me por esta ou aquela passagem em que me acho, em que me dispo em frente de desconhecidos, como uma mulher pública... Sofro assim de tantos modos, por causa desta obra, que julgo que esse mal-estar, com que às vezes acordo, vem dela, unicamente dela. Quero abandoná-la; mas não posso absolutamente (BARRETO, 2010, p. 138).

Isaías tem “vergonha” de como escreve, o uso da expressão vem carregado de polissemia. Num contexto em que a alfabetização de pessoas negras foi mínima e o acesso à leitura amplamente elitizado, o livro-manifesto é redigido por mãos negras. Ainda, é possível perguntar: como Lima Barreto duplicado em Isaías Caminha se relacionava com as teses eugenistas da época? Dado que dentro daquilo que o romance maneja no texto e do próprio contexto, elas faziam parte das notícias lidas cotidianamente? Por essa via, é possível associar a vergonha da escrita com o receio em relação ao determinismo racial, o qual excluía a particularidade ou individualidade do negro em nome da unidade do grupo, do essencialismo codificante. Isaías não seria distinto das demais pessoas negras por seu “intelecto” ou “cargo”. Essa leitura um tanto conformista entre escrita e preconceito/medo pode ser transposta através da vontade do personagem em, recuperando Gilroy, “superar” a própria

⁵ Os três atos de urdidura do texto que aparecem no preâmbulo e retomados no decorrer do romance; a escrita, sua função e a sua reflexão, estão no caldo emblemático da autoria de Lima Barreto. Esse é outro fator que leva para aproximações com os estudos de Paul Gilroy sobre os escritores afro-americanos, a dimensão autobiográfica e contra-cultural da modernidade.

raça. Por meio da autoficção, denunciando o racismo e lutando contra os claustros raciais no impasse que assume a condição negra no filão da crítica e construção da modernidade e da inovação estética.

Por fim, o personagem não consegue abandonar a escrita da sua obra, existe o fundo esperançoso em seu empreendimento (auto)narrativo: “Talvez mesmo seja angústia de escritor, porque vivo cheio de dúvidas, e hesito de dia para dia em continuar a escrevê-lo. Não é o seu valor literário que me preocupa; é a sua utilidade para o fim que almejo” (BARRETO, 2010, p. 96). Mesmo utilizando a palavra escritor, o “valor literário” das “Recordações” é secundário, é a sua utilidade política que precisa de correspondência e efetividade, inscrita no plano primário. No livro está manifesta uma busca por justiça em nome dos indignos de serem lembrados e dos corpos “não temporalizados” na modernidade e não sincronizados no Estado-nação. Como foi visto, tanto emoções negativas quanto positivas atravessam o romance, reunidas, ainda, na lógica da memória involuntária eivada por histórias do pós-abolição pelo lugar indeterminado, melancólico e revoltoso da autoria negra. Nesse período em que, segundo o personagem-narrador: “eu não tinha nem a simpatia com que se olham as árvores; o meu sofrimento e as minhas dores não encontravam o menor eco fora de mim” (BARRETO, 2010, p. 145 – 146).

Figuras em trânsito: o trem e a viagem

Os primeiros capítulos do romance narram a saída de Isaías do campo para a cidade. O desejo de zarpar da província está sustentado na projeção da carreira doutoral. Como sempre foi bom aluno na escola e ensinado pelo pai a gostar dos grandes homens e grandes eventos da história, o seu futuro estava prefigurado, “Ah! Seria doutor! Resgataria o pecado original do meu nascimento humilde, amaciaria o suplício premente, cruciante e onímodo de minha cor... Nas dobras do pergaminho da carta, traria presa a consideração de toda a gente” (BARRETO, 2010, p. 75). É Valentim, tio de Isaías, o responsável por ajudá-lo com a mudança, marcando uma conversa com o Coronel Belmiro e indicando o jovem para alguém conhecido na capital. Com a indicação textualizada numa carta para o Deputado Castro, Isaías prepara as malas para a viagem. Essa relação de favores entre o Coronel e pessoas no ambiente roceiro denota a influência do clientelismo na política republicana.

No jogo campo-cidade existem dois tempos intercalados. O primeiro vinculado ao ambiente campestre; monótono e orientado através das mudanças naturais do cotidiano, ele está na “luminescência do lampião de petróleo” (BARRETO, 2010, p. 75) quando anoitece e “segue-se a doce e medíocre vida roceira” (BARRETO, 2010, p. 75). Está na demora da chegada das notícias e novidades, na falta de perspectivas e deslocamento para a cidade em busca de mudanças, o campo durante a modernidade é ligado a essa figura parada no “tempo”, de inocência e vida simples (WILLIAMS, 1989).

O segundo vinculado à modernização, Isaías sai do campo para a cidade embarcando no trem, figura síntese da modernidade, da aceleração do tempo, do movimento rumo ao progresso e, fazendo circular, novas temporalidades, espacialidades e sensações. A aceleração da experiência temporal na função de sensibilidade moderna no romance acarreta o processo de travessia do personagem para a própria modernidade. É esse artefato de ferro o responsável por diminuir e regar o tempo percorrido entre a cidade e o campo, rasgando a natureza com suas ferrovias e carregando o moderno para o espaço rural, tornando-o petrificado no tempo do atraso.

Koselleck (2014), ao analisar o poema “O cavalo a vapor” do poeta Adelbert von Chamisso, escreve: “Numa inversão fabulosa, ele imagina como a aceleração aumenta a ponto de ultrapassar o passado, mas não o futuro” (KOSELLECK, 2014, p. 139). A colocação sobre a poesia de Chamisso pode ser apropriada para conduzir um paralelo. Ou seja, Isaías avista no trem a saída do campo para a cidade, o tempo futuro é o limite último de realização, deixando através da janela do trem o seu passado e o passado do campo. Através da transposição temporal e espacial presente na figura do trem, o personagem-narrador inicia a busca da nova vida.

Isaías observa a paisagem passando na janela, o trem advindo do desenvolvimento da tecnologia colocou novas percepções em campo, visíveis pelos olhos do personagem, o trem esquematiza o único movimento para a frente no impasse que a natureza provincial desvanece. Nessa etapa, o próprio uso de metáforas do escritor se modifica, transitando de imagens “naturais” para imagens “técnicas”. Mas essa experiência sensorial da viagem, não é de toda “mágica”, o personagem sente incômodo e inércia:

A viagem de trem correu enfadonha. Não sei se devido a falta de comodidade do banco, não sei se às grandes emoções por que passara, o certo é que me invadiu durante toda ela

um letargo, um torpor que me chumbou o corpo e me tornou a inteligência de difícil penetração (BARRETO, 2010, p. 115).

Lima Barreto sobrepõe a aceleração temporal da modernidade com o seu personagem cansado, escrevendo sobre outras formas de encarar o tropo da viagem e a experiência da modernidade. Gilroy ao comentar sobre W.E.B. Du Bois assinala um elemento interessante:

Sua obra pode ser utilizada para identificar a insensatez de atribuir experiências de viagem voluntárias e turísticas apenas aos brancos, encarando as experiências de deslocamento e reterritorialização de populações negras exclusivamente por meio dos tipos muito diferentes de viagem experimentados por refugiados, migrantes e escravos (GILROY, 2012, p. 261).

A partir de Du Bois, Gilroy expande a experiência da viagem para outros sujeitos, por essa via, o tropo da viagem ganha novas adições. A aceleração atuante na modernidade, em conjunto com o encantamento engendrado no aperfeiçoamento da técnica, desenvolveu-se nas metrópoles tendo como pano de fundo o colonialismo e a escravidão, traduzindo-se na experiência de viagens de escravizados e ex-escravizados, negros libertos, refugiados migrantes e imigrantes; “O trem partiu. Sua história passada contém elos perdidos das culturas não oficiais da modernidade”, (HARDMAN, 2005, p. 51). Esse trecho extraído do livro “Trem Fantasma”, do Hardman, corresponde com Gilroy; é preciso vasculhar as “culturas não oficiais” que foram atuantes na construção da modernidade.

Portanto, é quando o trem para a meio caminho da cidade que temos um dos momentos mais citados e comentados do romance:

O trem parara e eu abstinha-me de saltar. Uma vez, porém, o fiz; não sei mesmo em que estação. Tive fome e dirigi-me ao pequeno balcão onde havia café e bolos. Encontravam-se lá muitos passageiros. Servi-me e dei uma pequena nota a pagar. Como se demorassem em trazer-me o troco reclamei: "Oh! fez o caixeiro indignado e em tom desabrido. Que pressa tem você?! Aqui não se rouba, fique sabendo!" Ao mesmo tempo, a meu lado, um rapazola alourado reclamava o dele, que lhe foi prazenteiramente entregue. O contraste feriu-me, e com os olhares que os presentes me lançaram, mais cresceu a minha indignação. Curti, durante segundos, uma raiva muda, e por pouco ela não rebentou em pranto. Trôpego e tonto, embarquei e tentei decifrar a razão da diferença dos dois tratamentos (BARRETO, 2010, p. 80).

Com fome e apreensivo, Isaías vai ao comércio. No trecho, elementos analisados durante esse texto estão presentes, especialmente a questão racial vinculada à eugenia e ao determinismo racial. O personagem é automaticamente colocado no papel de ladrão e perigoso pelo caixeiro mesmo com o dinheiro em mãos e sem o direito de falar. No período de crescimento populacional e urbanização do

país como foi a República, a sensibilidade do medo atenuada na criminalidade compunha o cotidiano da sociedade brasileira (FAUSTO, 1984). E as teses sobre a criminalidade advindas da antropologia criminal de Lombroso estavam fortemente entrelaçadas no racismo científico do período, construindo a figura fóbica do negro no imaginário social. Sempre fixada pelo olhar e dita por quem olha, é o estranho mundo da dupla consciência, consistindo em sempre ser visto e demarcado pelo olhar do outro. Isaías, mesmo orientado por vontades intelectuais, é reduzido pelo olhar do caixeiro no aspecto preestabelecido do suspeito. Após a fala do caixeiro, a narrativa continua para operar o contraste; o rapazola alourado é atendido de imediato.

A situação envolvendo Isaías e o caixeiro logo abarca todo o ambiente, tornando o lugar de quem olha ampliado, agora todos que estão no local esgrimem olhares contra o passante malquerido. Novamente, o personagem embarca no trem e reflete sobre a diferença dos tratamentos,

Não atinei; em vão passei em revista a minha roupa e a minha pessoa. Os meus dezenove anos eram sadios e poupados, e o meu corpo regularmente talhado. Tinha os ombros largos e os membros ágeis e elásticos. As minhas mãos fidalgas, com dedos afilados e esguios, eram herança de minha mãe, que as tinha tão valentemente bonitas que se mantiveram assim, apesar do trabalho manual a que a sua condição, a obrigava. Mesmo de rosto, se bem que os meus traços não fossem extraordinariamente regulares, eu não era hediondo nem repugnante. Tinha-o perfeitamente oval, e a tez de cor pronunciadamente azeitonada (BARRETO, 2010, p. 80).

Nesse momento, o personagem não tem dimensão que o problema não está nele e sim na formação social. Diferente daquilo aparente nas recordações, quando o narrador amadurecido reflete sobre o seu passado na escrita rememorativa, partindo do presente com uma função política e social estabelecidas, o que é dado na imersão das recordações se efetua na dimensão psicológica e existencial transpassada pelo sofrimento racial. Isaías volta o seu olhar para si mesmo para procurar a razão dos tratamentos em seu corpo e condição. É paradoxal esse movimento em constante desestabilização na escrita do romance, ou seja, o ato do personagem sair da zona rural para a capital, do interior para o exterior, acaba acentuando a busca de Isaías pela sua própria interioridade, em outros termos: subjetividade.

É pegando o trem e sendo outro recruta do tropo da viagem que Isaías não desancora somente a experiência do tempo na ordem moderna, mas a experiência da racialização, de tornar-se e saber-se negro de forma mais crua. O pecado original, comentado na vivência campestre, encontra na travessia para a cidade a desestruturação da identidade do personagem, lastreando o seu processo

de racialização em um contexto em que os negros eram marginalizados, desacreditados, violentados e desumanizados. Antes da entrada efetiva na Capital, o personagem se vê no semblante do forasteiro. Ele não está na temporalização da ordem e do progresso, não foi convidado para as benesses do novo regime, a busca pelo futuro figurada na imagem do trem levou em seus assentos os indesejados que carregavam nos corpos e memórias o passado colonial e escravagista. Fazendo com que esses passados e memórias se movimentassem, colocando na ordem moderna do tempo as ruínas do progresso/modernização e suas continuidades.

Figuras fantasmáticas: cidade e imprensa

O espaço urbano ocupa longamente a narrativa do romance. Lima Barreto, na tradição do *flâneur*, própria da modernidade em ascensão, insere o seu personagem nessa perspectiva, o seu *flâneur noir*, transitando e fitando a cidade do Rio de Janeiro no *fin de siècle*. Com isso, as imagens criadas a partir do horizonte de expectativas do personagem no campo se diluem no contato com a cidade: “engaram-me os que me representavam a cidade bela e majestosa” (BARRETO, 2010, p. 82). Na experiência urbana, o que se vê é uma cidade em escombros, com ruas sujas e estreitas, com alguns espaços iluminados e outros opacos,

Quando saltei e me pus em plena cidade, na praça para onde dava a estação, tive uma decepção. Aquela praça inesperadamente feia, fechada em frente por um edifício sem gosto, ofendeu-me como se levasse uma bofetada. Enganaram-me os que me representavam a cidade bela e majestosa. Nas ruas, havia muito pouca gente e do bonde em que as ia atravessando, pareciam-me feias, estreitas, lamacentas, marginadas de casas sujas e sem beleza alguma (BARRETO, 2010, p. 90).

Isaías caminha através do meio urbano espaiando o corpo nas ruas cariocas, que eram canais de sociabilidade no interior de uma sociedade em modernização, deixando cada vez mais escancarada a ausência de participação e expressão social de grupos não incluídos no novo sistema (VELLOSO, 1996). Vagueando dos subúrbios aos centros, trafegando pelas instituições e conversando com pessoas diversas: trabalhadores imigrantes, jovens positivistas e anarquistas, políticos, policiais e jornalistas, conversa-se em hotéis, casas suburbanas, bares, botequins, bondes, delegacias e jornais. Todo o mosaico plural de pessoas e ideias enlaçadas e partilhadas no prisma da experiência moderna cruzam o universo literário do autor e do seu romance.

Outro elemento da experiência urbana ressaltada na cidade capital está na relação entre modernidade e moda; o encobrimento do corpo e a importação do luxo, vestir-se bem para parecer civilizado. E na *belle époque* carioca, a moda estava atrelada à fazedura do imaginário da metrópole; um estilo de vida moderno exigia modulações de mentalidade e vestuário. Essa percepção da moda aparece no romance,

Parava diante de uma e de outra, fascinado por aquelas coisas frágeis e caras. As botinas, os chapéus petulantes, o linho das roupas brancas, as gravatas ligeiras, pareciam dizer-me: Veste-me, ó idiota! nós somos a civilização, a honestidade, a consideração, a beleza e o saber. Sem nós não há nada disso; nós somos, além de tudo, a majestade e o domínio! (BARRETO, 2010, p. 103).

No exercício de observador andante, o personagem contempla objetos de luxo importados do exterior, os quais eram responsáveis por harmonizar uma estética e estilo dentro da vida moderna. E assim, os objetos expostos na vitrine encenavam o progresso, colocando o “belo” estampado no cotidiano, mercadorias que desempenhavam a função do espetáculo e da afetação, produzindo estímulos visuais e desejo de consumo. Adentrar na ordem moderna do tempo também é assumir o seu estilo civilizado, despindo-se do atraso que está na esfera do “feio” e do “inculto”. No tempo citadino, o consumo, o barulho, o choque e o relógio ordenam o dia a dia, um tempo disciplinado pela técnica (VELLOSO, 1996). Quando chamado para curtir a noite carioca, Isaías responde: “Conforme meu hábito roceiro, dormia cedo” (BARRETO, 2010, p. 116). Mesmo na cidade, no epicentro civilizacional e frenético, o personagem não abandonou o tempo da vivência no interior, outras formas de experienciar o tempo foram trazidas na viagem.

Na metrópole também é o lugar da informação rápida, das disputas entre jornais no campo da imprensa. A experiência da aceleração do tempo promovida na viagem de trem encontra certa continuidade com a entrada do personagem como redator no jornal “O Globo”. Os jornais desempenhavam a função de sintetizar as notícias do dia a dia, e com o aumento das informações existe o aumento do consumo por parte do público leitor, tornando o próprio consumo apressado, são os primórdios da sociedade de massas que Lima flagra em seu romance (CORRÊA, 2017). É com a massificação do social que a profusão de notícias, na esteira do capitalismo industrial, produzirá novas tecnologias dinamizando as formas de consumo, e a lógica da imprensa na República estava na reprodução e impressão em série, na circulação e ampliação. No romance, tal

dinâmica é ressaltada quando chega uma máquina Marinoni⁶ no jornal, aumentando a velocidade da impressão e conseqüentemente a expansão da distribuição, e os personagens ficam deslumbrados com a máquina, sendo “apoteótica” e “mágica”.

No entanto, Lima Barreto utiliza o ambiente do jornal hegemônico, muitas vezes responsável por esconder as notícias desagradáveis, para protagonizar os silenciamentos e exclusões da memória dita oficial (memória que em parte foi sustentada pelos jornais hegemônicos). O episódio mais alegórico desse movimento de passados sobrepostos está no caso dos “sapatos obrigatórios”, servindo como metáfora para figurar a Revolta da Vacina. A lei da obrigatoriedade dos sapatos levanta o problema das “crises da elegância”, utilizando a expressão do narrador, ironizando e satirizando o discurso histórico no discurso literário. E assim, o autor aprofunda as contradições da cidade moderna, da higienização de certos corpos inscrita nas dinâmicas da modernização,

Os Haussmanns pululavam. Projetavam-se avenidas; abriam-se nas plantas squares, delineavam-se palácios, e, como complemento, queriam também uma população catita, limpinha, elegante e branca: cocheiros irrepreensíveis, engraxates de libré, criadas louras, de olhos azuis, com o uniforme como se viam nos jornais de moda da Inglaterra. Foi esse estado de espírito que ditou o famoso projeto dos sapatos (BARRETO, 2010, p. 224).

“Uma população limpinha e branca”, as palavras utilizadas adjetivamente caracterizam o empenho do Brasil em se aparecer com a Europa, a questão bovarista se apresenta novamente, no espelhamento exógeno, seja Inglaterra ou França. A temática comentada anteriormente, da relação entre moda e modernidade se desenvolve no “projeto dos sapatos”, ser moderno se confunde com ser europeu, com olhos azuis e pele branca, colocando a raça na linha de frente da modernização. Para além, as “crises de elegância” metaforizam a crise de um país que tornava mais evidente aquilo que buscava esconder ou silenciar; o passado colonial e o esfacelamento da promessa republicana, a crise da modernização encontra a crítica em Lima Barreto. Mas o projeto moderno para o progresso encontrou a insurreição do povo,

A batalha, entretanto, não se decidia. As duas hostes em luta não ganhavam terreno. Um dia era da gente do prefeito; outro dia, era dos adversários. Vinha um assassinato, um incêndio;

⁶ A impressora Marinoni com a sua tecnologia rotativa revolucionou o processo de impressão, no final do século XIX e começo do XX, imprimindo até 4 páginas simultaneamente, trabalhando com longas tiragens e, conseqüentemente: aumentando e acelerando o consumo, circulação e profusão de jornais e notícias. Modernização e tecnologização são movimentos indissociáveis, os dois movimentos estão presentes no romance, o teor “apoteótico” da tecnologia para os personagens corresponde ao próprio contexto, a “técnica” e a “magia”, para usarmos expressões benjaminianas, confundia os sentidos e percepções.

havia uma trégua. O Governo temia um fracasso e esperava. Surgiu, porém, a questão dos sapatos obrigatórios que precipitou os acontecimentos. É de pouco tempo esse motim e muitos dos meus leitores ainda se recordam perfeitamente dos acontecimentos (BARRETO, 2010, p. 222).

“Batalha”, “motim” e “luta” são termos usados para referenciar a revolta decorrente da obrigatoriedade dos sapatos, por outro lado, o governo teme o seu “fracasso” em controlar o motim. Essa literatura preocupada com os fracassos da ordem moderna do tempo, a qual Hartog escreveu, espousa bem o caso barretiano, noutro exemplo, a Guerra de Canudos, narrada no épico “Os Sertões”, de Euclides da Cunha, retrata magistralmente as insurreições e mediações entre ruptura e continuidade no interior da modernização. É na formação discursiva literária que a Revolta da Vacina será atualizada (GRUNER, 2006), para desestabilizar a história e a memória instituídas. A revolta é de pouco tempo, comenta o personagem-narrador, e tão logo foi apagada, mas recordada e recontada no texto literário. Sevcenko foi pontual em sua colocação sobre a Revolta: “Sua reação, portanto, não foi contra a vacina, mas contra a história. Uma história em que o papel que lhes reservaram pareceu-lhes intolerável e que eles lutaram para mudar” (SEVCENKO, 1993, p. 67). O ato contra-histórico, presente na Revolta, é mobilizado irônico, satírico e metaforicamente no romance de Lima Barreto, produzindo uma literatura *contra o seu tempo*; da promessa republicana, dos ditames do progresso e da violência contra as pessoas negras e pobres.

Figuras da vertigem: o forasteiro e o tempo do desterro

Entre a chegada de Isaías na cidade, seu trabalho no jornal e a carreira política, existem diversos momentos de confronto com a modernidade. Já desiludido com a metrópole e com o dinheiro acabando, o personagem é acusado de roubo, sem provas concretas, pela gerência do hotel em que estava hospedado, o Jenikalé. Até onde consta, o hotel estaria no centro da cidade e Isaías era o único hóspede negro. Tendo que ir à delegacia, nesta altura, a acusação de roubo é uma estrutura de repetição no romance, no episódio do trem (na vinda para a cidade) e dentro da cidade (supostamente estabelecido).

Na delegacia, múltiplas temáticas aparecem: a culpabilização do negro, a ligação eugênica entre negro e roubo e a impossibilidade dos negros enquanto sujeitos de saber. É nessa instituição que outro personagem aparece, o Capitão Viveiros, que chama Isaías de “o tal mulatinho”, termo que abala Isaías:

Não tenho pejo em confessar hoje que quando me ouvi tratado assim, as lágrimas me vieram aos olhos. Eu saíra do colégio, vivera sempre num ambiente artificial de consideração, de respeito, de atenções comigo; a minha sensibilidade, portanto, estava cultivada e tinha uma delicadeza extrema que se ajuntava ao meu orgulho de inteligente e estudioso (BARRETO, 2010, p. 127 – 128).

Na passagem, há a quebra da sequência narrativa, a volta para o presente e a elaboração da reflexão sobre o passado, recuperando a biografia do personagem e sua dedicação na construção da carreira intelectual. Na capital, Isaías não encontrou o que foi prometido no progresso republicano, e a expectativa de tornar-se doutor foi retida pelo racismo. Continua,

Entretanto, isso tudo é uma questão de semântica: amanhã, dentro de um século, não terá mais significação injuriosa. Essa reflexão, porém, não me confortava naquele tempo, porque sentia na baixeza do tratamento todo o desconhecimento das minhas qualidades, o julgamento anterior da minha personalidade que não queriam ouvir, sentir e examinar. O que mais me feriu, foi que ele partisse de um funcionário, de um representante do governo, da administração que devia ter tão perfeitamente, como eu, a consciência jurídica dos meus direitos ao Brasil e como tal merecia dele um tratamento respeitoso (BARRETO, 2010, p. 128).

Todas as boas qualidades do personagem são secundarizadas pelo tratamento racista. A crença de Isaías nas instituições jurídicas e seus representantes que deveriam reconhecer os seus direitos no papel de cidadão também não encontra referências na capital — ele se vê fora dos elos de representação da modernidade brasileira, sendo que a “igualdade”, a “liberdade” e a “cidadania” permaneciam subtraídas. Nesse contexto em que a raça apartada do mundo biológico foi interpretada socialmente (darwinismo social), a rede semântica constituída pelos conceitos advindos da Revolução Francesa e do positivismo encontraram na raça a sua clivagem; as diferenças raciais do antigo regime escravocrata foram “relidas” pelos olhos da ciência e do processo de modernização.

Ainda, na escatológica cena, a inteligência de Isaías é contestada. Pergunta o Capitão Viveiros, “— Qual é a sua profissão? — Estudante. — Estudante?! — Sim, senhor, estudante, repeti com firmeza. — Qual estudante, qual nada!” (BARRETO, 2010, p. 133). As perguntas continuam:

— Pois então diga-me de quem é este verso: — “estava mudo e só na rocha de granito”? — Não sei, não senhor; não leio versos habitualmente...” [...] — Mas o senhor, um estudante, não saber de quem são estes versos! Admirar! [...] — Está rindo se, “seu” malcriado! fez ele mudando repentinamente de tom. [...] Muita coisa! É que você não é estudante nem nada; não passa de um “malandro” muito grande! — Perdão! O senhor não me pode insultar... — Qual o quê! continuou o delegado no auge da cólera. Não há patife, tratante, malandro por aí, que não se diga estudante... (BARRETO, 2010, p. 133).

O “malandro”, o “mentiroso”, o “patife”, são palavras mobilizadas nos parágrafos para contestar a capacidade cognitiva de Isaías. Nesse momento, uma segunda repetição retorna, que consiste na suspeita contra a inteligência dos negros. Como mencionado anteriormente, a notícia lida no presente do personagem que inferioriza a capacidade dos negros e compelindo o personagem-narrador para a escrita das recordações acaba escoando, furando o tempo narrativo-linear, nas próprias perguntas do delegado. No mais, Isaías vai preso e no escuro da prisão “As lágrimas correram-me e eu pensei comigo: A pátria” (BARRETO, 2010, p. 135). Ainda, num trecho anterior, desabafa: “O batalhão passou de todo; e até a própria bandeira que passara, me deixou perfeitamente indiferente...” (BARRETO, 2010, p. 104). A condição pós-colonial da República em formação teve nos corpos negros os seus “forasteiros”, expatriado e deslocados da ordem republicano, Isaías se sente em “um país estrangeiro” (BARRETO, 2010, p. 144).

Isaías sai da delegacia porque conhecia o doutor Ivã Gregoróvitch Rostóloff do jornal “O Globo”, o jovem é solto para o delegado preservar a sua boa imagem na imprensa. Já fora da instituição,

Foram de imensa angústia esses meus primeiros dias no Rio de Janeiro. Eu era como uma árvore cuja raiz não encontra mais terra em que se apóie e donde tire vida; era como um molusco que perdeu a concha protetora e que se vê a toda a hora esmagado pela menor pressão (BARRETO, 2010, p. 107).

A desilusão com a cidade moderna e por extensão com a promessa republicana é consumada. O jogo já mencionado nesse artigo, entre pertencimento e não-pertencimento, o qual na Primeira República foi, em parte, generalizado para a condição negra e parda, opera nos termos usados pelo escritor; *árvore sem raiz e molusco sem concha*. Racionando a própria lógica da dupla consciência, entre ser e não pertencer — essa posição desordeira na ordem moderna, da temporalidade do desterro. Temporalidade vivida na pele dos forasteiros anacrônicos que assombraram e deveriam ter ficado no passado colonial ou que logo seriam consumidos pela mestiçagem e incluídos no cálculo populacional branco. Nesse caso é possível contrapor o tempo da promessa republicana por aquilo que a filósofa Denise Ferreira chamou de dívida impagável. Pois, segundo o personagem,

O caminho na vida parecia-me fechado completamente, por mãos mais fortes que as dos homens. Não eram eles que não me queriam deixar passar, era o meu sangue covarde, era a minha doçura, eram os defeitos de meu caráter que não sabiam abrir um (BARRETO, 2010, p. 141).

O futuro, a bússola temporal da República, não “integrou” os negros em seu desenvolvimento, mas ofereceu a dívida impagável, mesmo excluindo a escravidão das suas referências, houve continuidades e permanências trabalhadas na literatura do período, textualizando as brechas, descontinuidades e fracassos. Porquanto, a modernidade em desenvolvimento tem em Isaías um visitante indesejado:

Na viagem vira-as manifestar-se; no Laje da Silva, na delegacia, na atitude do delegado, numa frase meio dita, num olhar, eu sentia que a gente que me cercava me tinha numa conta inferior. Como que percebia que estava proibido de viver e fosse qual fosse o fim da minha vida os esforços haviam de ser titânicos (BARRETO, 2010, p. 141).

Esse trecho em específico realiza uma “síntese possível” das impressões iniciais do personagem na capital e dos percalços vividos. A experiência do tempo negra na modernização brasileira reúne, como visto, alguns fatores; pertencimento e não-pertencimento, particularidade racial e totalidade nacional, dívida e promessa, liberdade e privação, revolta e militância, sofrimento racial e tentativas de superação. Portanto, o fator racial e o fator temporal da modernização atravessam a jornada do personagem em sua saída do campo para a cidade. Como visto, o horizonte de expectativas de Isaías encarna-se em “ilusões perdidas”, mas ratifica-se em melancolia, revolta e desejo por justiça e vingança, produzindo uma literatura *contra o seu tempo*.

Considerações finais

No decorrer do artigo busquei agrupar algumas questões como tempo, memória, raça e modernidade, pensando-as através de Lima Barreto. Temas que encontram várias veredas epistemológicas atualmente e que estavam sendo elaborados e laborados na literatura. Nesse caso, na literatura negra, essa forma de contracultura da modernidade, no termo de Paul Gilroy. Atentar para as relações entre temporalidade e raça ou a raça no moderno regime de historicidade, nesse modo propriamente moderno de “lidar” com os tempos, compreendendo que a própria raça e o racismo, são constructos modernos. Tendo em vista que para as sociedades ocidentais o momento-chave de orientação do regime passadista para o futurista, de acordo com François Hartog (2019), está na Revolução Francesa, o que falar sobre a experiência temporal da Revolução Haitiana para as sociedades latino-americanas? Sobre o tempo dos/a escravizados/a e suas agências?

Por fim, Lima Barreto viveu e escreveu no interior de uma conjuntura fundamental para compreender o Brasil no jargão popular de “país do futuro”, da nostalgia pelo futuro nunca realizado e postergado para a indeterminação. Lima Barreto não escreveu apenas sobre o seu tempo, mas *contra o seu tempo*. Nesse ponto não se tem em vista descaminhar a procissão do campo-disciplinar, não me refiro a uma literatura além do seu tempo, mas uma literatura unicamente do seu tempo também parece passiva e “des-potencializada”, o que interessou, efetivamente, foi uma literatura *contra o seu tempo* histórico. Um tempo ainda indeterminado, quando pensado nas promessas da República e na agência do pós-abolição, por isso uma literatura atual, que pode ser lida tanto como alegoria do presente no passado quanto do passado no presente.

Referências bibliográficas

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2011.

ARAÚJO, Valdeí Lopes de. **A experiência do tempo: conceitos e narrativas na formação nacional brasileira (1813-1845)**. São Paulo: Hucitec, 2008.

BARRETO, Lima. Literatura Militante. In **Impressões de leitura e outros textos críticos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

_____. **Recordações do Escrivão Isaías Caminha**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010.

BISTERÇO, Vinícius da Cunha. Roberto Arlt, Lima Barreto e a Modernidade periférica. **Opiniões**, n. 13, p. 102-118, 2018.

BENJAMIN, Walter. “A imagem de Proust”. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaio sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. **Obras Escolhidas**. Vol. I. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

_____. **A Formação das Almas: O Imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

CUTI, Luzi Silva. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

- _____. **Lima Barreto**: Retratos do Brasil Negro. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- CHALHOUB, Sidney. **Visões da liberdade**, uma história das últimas décadas da escravidão na Corte. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.
- CORRÊA, Felipe Botelho. **Crônicas da Bruzundanga**: a literatura militante de Lima Barreto. 1. ed. São Paulo: Editora e-galáxia, 2017.
- DOMINGUES, Petrônio. “Um desejo infinito de vencer”: o protagonismo negro no pós-abolição. **Topoi**, v.12, n. 23, jul-dez, 2011, pp. 118-139.
- FIGUEIREDO, Carmen Lúcia Negreiros de; FERREIRA, Maria Ceila. **Lima Barreto, Caminho de Criação**: Recordações do Escrivão Isaías Caminha. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP), 2017.
- FISCHER, Luís Augusto. **A Ideologia Modernista: A Semana de 22 e Sua Consagração**. São Paulo: Editora Todavia, 2022.
- FERREIRA, Denise. **A dívida impagável**. São Paulo: Forma Certa, 2019.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo de. **Modernidades negras**: a formação racial brasileira (1930-1970). São Paulo: Editora 34, 2021.
- GILROY, Paul. **Entre Campos**: nações, culturas e o fascínio da raça. São Paulo: Annablume, 2007.
- _____. **O Atlântico Negro**: modernidade e dupla consciência. 2 ed. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, 2012.
- GRUNER, Clóvis. De uma revolta a outra: memória, história e ressentimento em Lima Barreto. **ArtCultura**, v. 8, n.13, p. 85-95, 2006.
- HARDMAN, Francisco. **Trem Fantasma**: A ferrovia Madeira—Mamoré e a modernidade na selva. 2. ed. revista e ampliada. São Paulo: Companhia das Letras, 2005
- HOBBSBAWM, Eric. RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- HARTOG, François. **Crer em História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- _____. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**. Estudos sobre História. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

- MATTOS, Hebe Maria. RIOS, Ana Maria. O pós-abolição como problema histórico: balanços e perspectivas. **Topoi**, vol 5, no 8, janeiro-junho 2004, pp. 170-198.
- MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**: São Paulo. n-1 edições, 2018.
- REZENDE DE CARVALHO, Maria Alice. Três pretos tristes: André Rebouças, Cruz e Sousa e Lima Barreto. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 34, p. 6-22, 2017.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. São Paulo: Editora Unicamp, 2018.
- PESAVENTO, Sandra. Da cidade maravilhosa ao país das maravilhas: Lima Barreto e o “caráter nacional”. **Anos 90**, Porto Alegre, n. 8, dez. 1997.
- PINTO, Ana Flávia Magalhães. **Escritos de liberdade**: literatos negros, racismo e cidadania no Brasil oitocentista. Campinas: Editora da UNICAMP, 2018.
- TURIN, Rodrigo. País do futuro? Conflitos de tempos e historicidade no Brasil contemporâneo. **Estudos avançados**, 36 (105), 2022.
- SILVA, Jorge Augusto de Jesus. Modernismo Negro: anotações sobre Lima Barreto e o movimento de 22. In: GONÇALVES, Luciana Sacramento Moreno; ARAÚJO, Nerivaldo Alves; PRADO, Thiago Martins (org). **As vozes do texto e as múltiplas perspectivas de leitura**. Salvador, EDUFBA, 2018.
- SCHWARCZ, Lilia. **Lima Barreto - Triste visionário**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- _____. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930**. Companhia das Letras, São Paulo, 1993.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- _____. **A revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes**. São Paulo: Scipione, 1993.
- VELLOSO, Mônica Pimenta. **Modernismo no Rio de Janeiro**. Turunas e quixotes. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a Cidade na história e na literatura**: Companhia das Letras. São Paulo, 1989.